



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL –**  
**SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA (Lato sensu)**

**DONIZETE EMANOEL DE COUTO RODRIGUES**

**CADÊ O CORTEJO? O IMPACTO DO *CÓLERA MORBUS* NO POVOADO DE  
SÃO FRANCISCO (1855-1862).**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2022**

DONIZETE EMANOEL DE COUTO RODRIGUES

**CADÊ O CORTEJO? O IMPACTO DO *CÓLERA MORBUS* NO POVOADO DE  
SÃO FRANCISCO (1855-1862).**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Pós Graduação em Estudos de História Local – Sociedade, Educação e Cultura (*lato sensu*) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

**Orientador:** Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos

**CAMPINA GRANDE – PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696c Rodrigues, Donizete Emanoel de Couto.  
Cadê o cortejo? O impacto do cólera *morbis* no povoado de São Francisco (1855-1862). [manuscrito] / Donizete Emanoel de Couto Rodrigues. - 2022.  
21 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Cólera. 2. Fé. 3. Cemitério. I. Título

21. ed. CDD 981.33

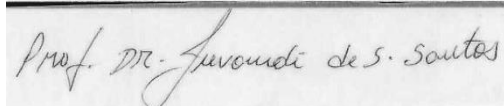
DONIZETE EMANOEL DE COUTO RODRIGUES

CADÊ O CORTEJO? O IMPACTO DO *CÓLERA MORBUS* NO POVOADO DE SÃO FRANCISCO (1855-1862).

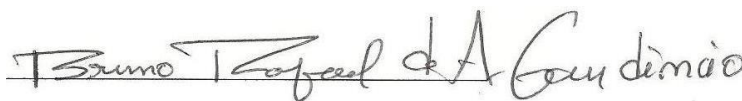
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
Apresentado ao Departamento do Curso  
de Pós Graduação em Estudos de História  
Local – Sociedade, Educação e Cultura  
(*lato sensu*) da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de especialista.

Aprovado em 21/10/2022

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio  
Universidade de São Paulo (USP)



Prof. Dr. Valdeci dos Santos Junior  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

Ao meu filho Joaquim, por ter preenchido a minha vida com o mais puro dos sentimentos e também à minha cidade Olivedos, DEDICO.

**Poema: Vozes de um túmulo – Augusto dos Anjos**  
**Vozes de um túmulo**

Morri! E a Terra — a mãe comum — o brilho  
Destes meus olhos apagou!... Assim  
Tântalo, aos reais convivas, num festim,  
Serviu as carnes do seu próprio filho!

Por que para este cemitério vim?!  
Por quê?! Antes da vida o angusto trilho  
Palmilhasse, do que este que palmilho  
E que me assombra, porque não tem fim!

No ardor do sonho que o fronema exalta  
Construí de orgulho ênea pirâmide alta,  
Hoje, porém, que se desmoronou

A pirâmide real do meu orgulho,  
Hoje que apenas sou matéria e entulho  
Tenho consciência de que nada sou!

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 .....	09
FIGURA 2.....	16
FIGURA 3.....	17
FIGURA 4.....	18

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 O INIMIGO INVISÍVEL: O <i>CHOLERA MORBUS</i> .....</b>	<b>10</b>
<b>3 A FÉ COMO INSTRUMENTO DE SOCORRO.....</b>	<b>12</b>
<b>4 UM APOSTOLO EM AÇÃO: IBIAPINA.....</b>	<b>13</b>
<b>5 DESCE FRANCISCO E SOBE SEBASTIÃO: O ANDOR DO CÓLERA EM OLIVEDOS .....</b>	<b>17</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>



**CADÊ O CORTEJO? O IMPACTO DO *CÓLERA MORBUS* NO POVOADO DE  
SÃO FRANCISCO (1855-1862).**

**WHERE IS THE COURAGE? THE IMPACT OF CHOLERA MORBUS IN  
THE PEOPLE OF SÃO FRANCISCO (1855-1862).**

**Donizete Emanuel de Couto Rodrigues<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Refletindo sobre as grandes pandemias e epidemias recuamos no tempo e vamos explorar uma doença que ceifou a vida de centenas de pessoas, o cólera morbus durante os anos oitocentos. A partir das leituras referentes a esse acontecimento em documentos do período, bem como em obras que referenciem o mesmo, será dado enfoque especificamente a abordagem do impacto desta doença dentro do povoado de São Francisco, hoje cidade de Olivedos-PB, as mudanças nos rituais religiosos, a edificação dos cemitérios, os personagens desse enredo entre eles o padre Ibiapina, da mesma forma elencaremos a fé do povo, bem como a fundação da cidade de Soledade a partir da emergência dessa moléstia.

**Palavras-chave:** cólera; fé; Ibiapina; cemitério.

**ABSTRACT**

Reflecting on the great pandemics and epidemics, we go back in time and explore a disease that claimed the lives of hundreds of people, cholera morbus during the 1980s. From the readings referring to this event in documents of the period, as well as in works that refer to the same, focus will be given specifically to approaching the impact of this disease within the village of São Francisco, today the city of Olivedos-PB, the changes in rituals religious, the construction of cemeteries, the characters of this plot among them Father Ibiapina, in the same way we will list the faith of the people, as well as the foundation of the city of Soledade from the emergence of this disease.

**Keywords:** cholera; faith; Ibiapina; cemetery.

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade Estadual da Paraíba, pós graduando em estudos de história local – sociedade, educação e cultura (lato sensu). Diversos artigos, capítulos de livros e trabalhos na abordagem da história local.

## 1 INTRODUÇÃO

As grandes epidemias (e também as pandemias) foram responsáveis diversas vezes pela mudança no cotidiano das sociedades, doenças que atingiam e muitas vezes matavam um número considerável de pessoas conseguiram transformar hábitos de uma população como um todo.

A título de exemplo, nos dias de hoje nos deparamos com uma das maiores pandemias mundiais, a Covid-19 (que já vitimou quase 7 milhões de pessoas no mundo)<sup>2</sup> mudou a nossa forma de se comportar, de agir frente a sociedade, bem como parte dos nossos costumes. O uso de máscaras, antes limitado a determinados ambientes se tornou universal, práticas como um aperto de mão ou um abraço foram sendo modificadas. Entretanto, na história da humanidade não é o coronavírus o primeiro ator desse enredo, tivemos diversas crises sanitárias que culminavam em doenças, como a peste negra na idade média e a gripe espanhola no início do século passado<sup>3</sup>.

Apesar das grandes pandemias e epidemias atingirem temporalidades diferentes o roteiro é praticamente o mesmo, essas doenças se manifestam de forma agressiva e são desconhecidas pela ciência daquela conjuntura, elas causam pânico e medo nas pessoas que compõem aquela sociedade dentro daquele recorte temporal, na maioria das vezes os remédios são ineficazes e a solução é apelar para a fé, até que uma cura seja descoberta para solucionar este problema.

Entendendo isso e percebendo que se aplica em grande e pequena escala, bem como é um fenômeno atemporal, vamos recuar para meados do século XIX, onde uma das piores epidemias atingiu boa parte daquela Paraíba, buscando entender todos os impactos que o cólera causou naquela sociedade oitocentista e contribuindo para a história local no campo da saúde.

Contudo é importante compreender o contexto geral, até mesmo no contexto mundial e que depois uma especificação no campo de trabalho, entendendo a chegada da cólera no Brasil, posteriormente na Paraíba e então chegar ao nosso objetivo principal, que é como essa doença se desenvolveu no interior do estado, especificamente no povoado de São Francisco, hoje município de Olivedos.

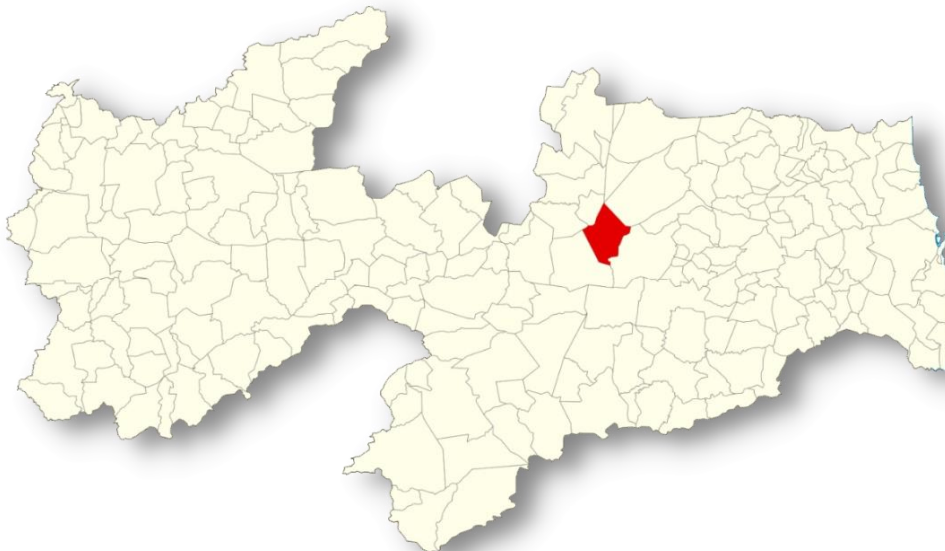
Olivedos é um município do estado da Paraíba, com uma população de 3.989 habitantes<sup>4</sup>, está localizado na microrregião do Curimataú Ocidental Paraibano, tendo Pocinhos, Soledade, Barra de Santa Rosa, Cubati e São Vicente do Seridó como cidades circunvizinhas. Com uma área de 314.625 KM<sup>2</sup> à primeira vista o lugar parece ser apenas um pequeno município, calmo, pacato e monótono. Entretanto, Olivedos guarda consigo episódios que demonstram uma história que precisa ser registrada, foi terra dos Tapuias e aqui aconteceram batalhas entre eles e os Oliveira Ledo, foi rota de cangaço e passagem de Antônio Silvino, abrigou o primeiro cemitério do entorno e junto à São João (hoje São João do Cariri) os dois únicos núcleos urbanos de toda essa região.

FIGURA 1: Mapa da Paraíba – Olivedos em Destaque (2022)

<sup>2</sup> Segundo reportagem da CNN Brasil, disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/05/08/mortes-por-covid-19-no-mundo-podem-ser-o-dobro-do-estimado-segundo-estudo> acesso em 03 de junho de 2021.

<sup>3</sup> Guimarães e Santos (2021) apontam também a Lepre, a varíola e a febre amarela.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/olivedos/panorama>. Acesso em 25 de maio de 2022



Fonte: Acervo do autor

Hoje, autônomo de Soledade, o município tem uma economia baseada nas olarias, no cinzal e nas granjas, possui uma população majoritariamente católica, contudo não possui uma política de preservação forte, nem no campo estrutural, nem no documental. O cemitério daqui acabou sofrendo ampliações e perdendo os dados de sua origem, como de costume na época colocado em placas na entrada do mesmo.

No campo da preservação documental dar-se o mesmo, Olivedos não teve uma política de preservação de documentos e fontes históricas e a igreja daqui não contempla nenhum documento referente a mesma, o que nos leva a cidade de São João do Cariri, o outro centro de povoamento que existia durante o período, como afirma Nobrega Filho (1974) e que dispunha de uma ligação religiosa com o povoado de São Francisco.

Entender o povoado de São Francisco, que mais tarde se tornaria a cidade de Olivedos, neste período é compreender todo o seu entorno, não dá para falar do desenvolvimento do cólera aqui sem uma análise de cidades como Pocinhos e Soledade, bem como é quase que impossível trabalhar essa temática sem relatar a passagem do padre Ibiapina por essa região.

Não é o simples fato de analisar uma doença e trazer números de óbitos, é entender como essa enfermidade influenciou aquele lugar, aquela população, quais os efeitos que se manifestaram para além do corpo, mas sim na conjuntura como um todo.

Quanto à questão de nosso recorte temporal, vamos nos ater a 07 anos do século XIX, esse espaço de tempo compreende os dois maiores surtos de cólera dentro da Paraíba e são nesses que estão os acontecimentos que queremos destacar dentro do povoado de São Francisco, entretanto não foram 07 anos ininterruptos de peste, esses estão divididos em dois surtos de 2 anos cada, o primeiro compreende entre os anos de 1855 e 1856 já o segundo inicia em 1861 e vai até 1862.

Nossa pesquisa busca dentro desse intervalo de tempo compreender as mudanças que a sociedade da época sofreu por conta desse acontecimento e quais traços que atualmente possuímos enquanto sociedade são frutos deste momento. Pois compreendemos que o impacto neste sentido foi enorme, modificando até mesmo costumes sociais naquele contexto, bem como mexendo com a tradição secular da igreja e até mesmo com a fé e devoção daquele povo.

Partindo da necessidade dessa escrita para uma cidade carente da mesma, perpassando pelos capítulos ricos que ela possui e observando o momento específico da epidemia que aqui se instalou, contribuiremos não apenas para a história municipal, mas para a história local do

estado da Paraíba como um todo, a cada nova linha escrita por um historiador, novas perspectivas se abrem.

## 2 O INIMIGO INVISÍVEL: O *CHOLERA MORBUS*

A cólera é uma doença bacteriana transmitida por via oral e fecal bem como pela ingestão de água e alimentos contaminados, dessa forma o simples ato de consumir um alimento ou beber água que tenha tido contato com a bactéria através de qualquer forma, causa a doença<sup>5</sup>.

Recuando ao século XIX percebemos que as instalações sanitárias, como rede de esgoto e fossas sépticas não existiam naquele cotidiano interiorano, além disso a água consumida nesse momento não passava por um movimento de filtragem e descontaminação que pudesse evitar a proliferação de bactérias, de modo que se o lugar possui poucos mananciais de abastecimento e alguns estivessem contaminados o contágio era praticamente certo, conscientes disso e observando que as formas de contágio da doença naquele momento eram desconhecidas e/ou incertas pela população percebemos porque a cólera se proliferou de forma tão rápida e violenta dentro do território paraibano e também, especificamente nosso recorte nas terras do povoado de São Francisco.

Para Mariano (2019) a partir da segunda metade do século XIX seguindo uma tendência mundial e depois nacional a questão da higiene passou a ser vista pelos políticos paraibanos, “com o intuito de dar um caráter salutar e “civilizado” a província e, especialmente, a cidade da Parahyba, possuidora de uma topografia acidentada, a insalubridade passou a ser o foco da atenção dos poderes públicos” (MARIANO, 2019, p. 230). Ainda segundo a autora, para colocar em prática essa política de higiene as escolas foram fortemente usadas “para evitar doenças, a higiene deveria ser uma precaução natural e necessária, segundo os livros de leitura utilizados nas escolas”. (MARIANO, 2019, p. 236). Era um período em que doenças como a febre amarela e a cólera estavam em alta e a necessidade dessa prática se mostrava necessária, pois ao mesmo tempo que ela destaca a importância da higiene fala do quão era insalubre a sociedade do século XIX.

A questão era tão séria que até mesmo os sepultamentos eram tidos como *financeiramente dispendiosos e insalubres*, Mariano (2019) cita o periódico *o sertanejo*, se referindo aos sepultamentos na igreja<sup>6</sup> de Pombal, traz “que o ato de entrar na igreja no início do dia, era insuportável, o cheiro dos mortos era qualificado como sendo “mau”” (MARIANO e JUNIOR, 2019, p. 91)

Dentro de todo esse contexto de falta de higiene e costumes altamente perigosos para contaminação a cólera achou campo fértil para se proliferar e fazer milhares de vítimas. Atualmente a cólera é uma doença facilmente controlada e que não representa um risco tão grande para a sociedade, isso se deu principalmente pelo avanço da medicina e das noções de higiene, entretanto nos idos do século XIX era uma enfermidade que maltratava muito o portador por seu caráter de desidratação e agressividade, entre os sintomas da mesma estavam:

[...] Diminuição rápida das forças, sentimentos de fraqueza, sensação dolorosa na boca do estômago e nos intestinos, dureza do ventre, borborygmos, diárea, cólicas, náuseas, soluços, vômitos, pulso fraco, lento, as vezes frequente, urinas espessas, vermelhas, e pouco

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/colera>. Acesso em 25 de maio de 2022.

<sup>6</sup> REIS (1991), traz uma explicação para a construção de cemitérios durante o século XVIII. Segundo ele, inicialmente os corpos eram enterrados dentro das capelas e igrejas (geralmente os ricos) ou nos arredores (costumeiramente os pobres e escravos), isso dava a certeza da presença destes em casamentos, batizados e celebrações em geral, entretanto, durante esse século os médicos começaram a recomendar a abolição deste costume, por motivos de saúde pública (baseados na teoria do miasma) e assim surgem os cemitérios, como foi o caso da Fazenda São Francisco, construído próximo a capela, na direção Oeste, onde o vento não pudesse trazer as “doenças”

abundantes. As evacuações alvins são as vezes sanguinolentas, outras vezes amareladas, esverdeadas ou roxas, mas quase sempre misturadas com mucosidades esbranquiçadas, semelhantes ao cozimento de arroz um pouco grosso (CHERNOVIZ, 1890, p. 585)

Apresentando esses sintomas, muitas vezes de forma agressiva o enfermo sucumbia em poucos dias, emagrecia e mudava a fisionomia. A forma de infecção, bem como a agressividade dos sintomas mostram porque naquele momento tantas pessoas morreram vítimas pela doença.

Pincelado o contexto sanitário naquele momento e o desenvolvimento da doença vamos buscar uma retrospectiva do surgimento da cólera no planeta, sempre associada a Índia como o país que foi berço da cólera no mundo, para Guimarães e Santos (2021, p.48) especialmente pelos seus costumes religiosos no rio Ganges, o ato de jogar as cinzas dos mortos no rio bem como de colocar esterco de vaca (animal sagrado naquele lugar) tornaram o ambiente propício para a disseminação de bactérias e a consequência foi o surgimento da cólera.

De acordo com esses autores a disseminação se deu de várias formas, especialmente através de tropas militares russas e turcas, mas a principal foi por meio da peregrinação a Meca, devido ao grande número de pessoas que visitam a cidade, esse fator foi o que mais favoreceu a doença de modo que ela se alastrou no velho continente:

Países como a Inglaterra e França foram verdadeiros paraísos para enfermidades nos anos de 1831-32. Trabalhadores que formavam a maioria da população foram os mais atingidos, pois viviam de forma precária e moravam em lugares insalubres, a exemplo da água de uso diário que era contaminada por dejetos humanos. Na cidade de Paris, os primeiros casos de cólera surgiram logo após as festividades do carnaval. A população atordoada fugia de Paris para tentar se livrar da doença que matou mais de 34 mil parisienses. (GUIMARÃES E SANTOS, 2021, p. 49)

E assim a doença foi ganhando a Europa, rapidamente a bactéria chegou aos portos marítimos, segundo os mesmos autores em 1833 já estava em Portugal “causando mais de 40 mil mortos” (GUIMARÃES E SANTOS, 2021, p.50). Dessa forma foi através dos mares que essa doença se difundiu chegando inclusive ao Brasil, para Guimarães e Santos (2020), em 1855 o Brasil já registrava os primeiros casos devido ao cenário tanto dos novos habitantes que chegaram da Europa, como dos avanços dos transportes com questões ferroviárias e de embarcações a vapor que permitiram um maior contato intercontinental com nossos vizinhos

Araújo (2016) nos traz que após chegar ao Brasil pelo porto de Belém do Pará em maio de 1855 rapidamente se alastra chegando por via marítima a Bahia e com muita rapidez alcança os demais estados do atual nordeste, inclusive a Paraíba. O governo da Paraíba até tentou impedir a entrada da Cólera no estado em 1855, entretanto não havia nem material humano suficiente para essa empreitada e nem sanitário e assim aconteceu:

Na Paraíba, o município de São João do Cariri foi o primeiro que sofreu os horríveis efeitos da fatal do colerá-morbo. Das margens do S. Francisco, em seis dias de dezembro chegou a moléstia às povoações da Alagoa do Monteiro e Zabelê, onde atacando 269 pessoas, conseguiu fazer 80 vítimas. (ARAUJO, 2016, p. 34)

Percebemos desta forma a velocidade infecciosa da doença, bem como a sua capacidade de matar, no caso citado acima chegando a uma porcentagem de quase 30% de mortalidade, número impressionante e comparável a peste negra, por exemplo.

Para Guimarães e Santos (2021, p51)), em 1856 já estava instalada o primeiro surto colérico da Paraíba, este responsável por dizimar milhares de vidas, fatores como a seca, fome e saneamento básico inadequado pioravam ainda mais a situação, o principal público atingido foi sem dúvidas os pobres, que viviam em condições socioeconômicas favoráveis a proliferação da doença<sup>7</sup>.

A agressividade e rapidez com que a mesma se espalhava foi assustadora, mas nada assustou mais que sua mortandade:

<sup>7</sup> Existia uma grande camada de pobres miseráveis nesse período, além disso tinham também os escravos que não dispunham de qualquer sinônimo de qualidade de vida.

[...] Não tardando a alastrar por todo o território, ceifando vidas[...] Nessa primeira investida do cólera-morbo morreram 25.390 pessoas, sendo está a contribuição de várias áreas: Capital e zona litorânea 5.741; Zona da Mata até Campina Grande, 7.181; Brejo, 10.741; Cariri 1.703; e o Sertão 24, apenas. (LEAL, 1989, p. 171)

Além das condições favoráveis outro fator que impulsionou a cólera foi a medicina do período, ao ponto de Ribeiro (2013, p.51) colocar que “quem pudesse pagar médicos e remédios tinha pouca esperança de sobreviver”, à primeira vista parece absurda a colocação, porém, mais adiante o mesmo expõe:

A terapeuta era ineficaz e mesmo prejudicial. Para começar proibiam-se os pacientes de beber qualquer líquido, em especial água, em seguida, aplicavam um escalda-pés com mostarda e cataplasma de linhaça para suar. Achavam que, se o organismo expelia água pela diarreia, era porque esta estava em excesso no corpo, cabendo ao médico ajudar a natureza, facilitando a desidratação. (RIBEIRO, 2013, p.51)

E não era essas as únicas formas de tratar a doença, segundo ARAÚJO (2016, p.44), café preto, sumo de limão e pimenta malagueta também faziam parte da dieta do enfermo, não resolvido o problema a última indicação era receitar aguardente, ao ponto de se não curasse o doente, ao mesmo a embriaguez serviria para amenizar as fortes dores causadas pela cólera.

### 3 A FÉ COMO INSTRUMENTO DE SOCORRO

Ambientes onde a fome é rainha, a seca é soberana, a esperança é cobiçada e necessária, são nesses espaços que se desenvolvem lugares que se desenvolvem um clima propícios para choques entre interesses divergentes, já que a população que seria o objeto de influência desse poder está mais sujeita a certos tipos de adversidades e dependência.

O Brasil católico e imperial de meados do século XIX respingou na sociedade efeitos sociais que marcaram as pessoas que ali viveram. Em 1850 a lei de terras acabou tornando a terra mercadoria e favorecendo os grandes latifundiários, a terra passou a ser um bem ainda mais valioso e difícil de adquirir e aquela altura quem não possuía terra estava em condição de sujeito de outro.

Tratava-se de um Brasil majoritariamente rural, onde a fome e a miséria faziam parte da realidade local, um Brasil que concentrava o pouco de sua urbanização em pontos localizados do sudeste e um nordeste extremamente agrícola, nordeste esse com suas secas castigantes e doenças que promoviam carnificina, região que possuía um povo sem recurso que muitas vezes só tinha duas opções, a fuga, como eternizada na composição de “Asa Branca” por Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga ou a morte, desdenhada na obra “Criança Morta” de Candido Portinari, 1944.

Sobre esses tipos de doenças que assolavam a região que mais tarde conheceríamos por Nordeste e especialmente a província da *Parahyba do Norte* surge a seguinte reflexão:

A doença é quase sempre um elemento de desorganização e de reorganização social; a esse respeito ela torna freqüentemente mais visíveis as articulações essenciais do grupo, as linhas de força e de tensões que o traspassam. O acontecimento mórbido pode, pois, ser o lugar privilegiado de onde melhor observar a significação real de mecanismos administrativos ou de práticas religiosas, as relações entre os poderes, ou a imagem que uma sociedade tem de si mesma. (REVEL, 1995, p. 14)

Diante dessa situação o nordestino se encontrava. O Nordeste passara a ser uma região de muito poder e pouco dono, onde os reis eram os da terra, onde os grandes latifundiários marcaram o poder local, chamados de Coronéis e/ou de Capitães essas personalidades ganhavam força cada vez mais, por sua influência política, social e econômica:

Historicamente, o título de coronel era concedido a proprietários de grandes propriedades rurais que participavam da Guarda Nacional. Criada em 1831, a Guarda Nacional era inspirada na Guarda Burguesa, uma milícia civil francesa que, por meio de um grupo armado representando os proprietários da sociedade, patrulhava as ruas

substituindo as forças tradicionais. Como na Guarda Burguesa, para pertencer à Guarda Nacional era necessário possuir recursos para adquirir tanto as armas como o uniforme. Durante o período da Regência (1831-1842) os postos militares foram postos à venda e os proprietários e latifundiários, bem como seus descendentes podiam adquirir títulos de tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel da Guarda Nacional. (GARCIA, 2005, p. 3)

As grandes propriedades nordestinas em sua maioria possuíam um único dono ou uma única família como imperante, consequência de um período colonial que através das sesmarias permitiu grandes propriedades de terras a poucas pessoas e que acabou reforçada pela Lei de Terras de 1850<sup>8</sup>, essa herança foi se arrastando e cada vez mais se agravando, no decorrer do século XIX a subordinação dos moradores que poucas ou nenhuma terras possuíam foi gradativamente aumentando tanto é que os moradores locais costumavam enxergar nos coronéis a figura de um líder, uma corporatura de respeito, visto que:

Ao examinar as correspondências, constatamos que as pessoas se dirigiam ao coronel tratando-o como deferência, utilizando pronomes de tratamento como: “amo”, “senhor”, “estimado”. Esses termos e outras frases denotativas de cordialidade e respeito aparecem tanto em cartas com uma escrita mais elaborada, o que denota que seriam escritas por pessoas com um grau de escolaridade superior, como em cartas, bilhetes e telegramas enviados ou entregues pessoalmente, escritos numa linguagem mais coloquial. Entendemos que nesse tipo de tratamento ficam expressos a influência e o respeito que o coronel tinha entre a população da região no período analisado, logicamente em decorrência do poder político e econômico que possuía. (STREIT, 2003, p. 91-92).

Ora! Diante de um cenário de abandono do poder político, de secas castigantes, de fome mortal, figuras como as dos capitães acabavam passando certa segurança para os sertanejos, em contrapartida os próprios também ganhavam com isso, tendo em vista que sua melhor posição social e seu melhor cargo favoreciam sua influência local de tal modo que os coronéis desempenhavam variadas funções dentro de seus domínios:

“Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e “desavenças” e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções policiais, de que frequentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas.” (LEAL, 2012, p. 24).

Em uma região majoritariamente agrária como era o nordeste de dois séculos atrás a figura do coronel era comum. Entre esses mandatários locais e os moradores de suas dependências, existia a construção de laços como, por exemplo, o de co-padrinho ou “compadre”, quando o coronel ganhava um dos filhos de pessoas dependentes suas como afilhado. Isso só reforça a questão do respeito que os coronéis adquiriram com pessoas a ele subjugadas.

#### **4 UM APOSTOLO EM AÇÃO: IBIAPINA**

Dentro desse contexto de autoritarismo e poder local vão surgindo figuras que trazem para as pessoas mais humildes a esperança, depois de 1889 com a proclamação da república temos como exemplo no sul o beato José Maria e sua comunidade na região contestada entre Paraná e Santa Catarina, no nordeste surgem figuras como a de Antônio Conselheiro e seu arraial de Canudos ou até mesmo o Padre Cícero no Ceará, são líderes que conseguem reunir

---

<sup>8</sup> A lei de terras, assinada em 1850 por Dom Pedro II é considerado uma das mais importantes nesse âmbito, pois ela é a legislação que basicamente optou pela divisão em grandes latifúndios em detrimento das pequenas propriedades.

certa quantidade de seguidores por seu poder de retórica e pela situação de abandono que a população vivia.

Evidente que a influência católica também é levada em consideração, afinal são beatos que conseguem vantagem por isso, por sua semelhança com Cristo, por sua fala esta sempre associada aos mandamentos, ou seja, por sua vinculação religiosa.

Enfim, até 1890 o Brasil era um país constitucionalmente católico, religião que influenciou a formação brasileira desde a chegada portuguesa, tendo em vista que um dos primeiros grupos portugueses que chegou ao Brasil foi o dos Jesuítas, juntamente com outras comunidades católicas, como os Carmelitas, Franciscanos, Beneditinos e outros. Essa influência acabou se perpetuando pelos séculos.

Entretanto, figuras como essas não se resumem apenas ao momento republicano brasileiro, bem antes disso, dentro do império esses evangelistas já andavam sertões adentro em busca de obras de apoio e caridade e quando levamos isso para o meado do século XIX fica impossível não remeter a José Antônio de Maria Ibiapina, ou simplesmente, Padre Ibiapina, ou ainda Frei Ibiapina.

Ibiapina foi uma figura icônica deste período, uma verdadeira referência, que teve a coragem de ir a campo, claro que líderes como esses acabavam ganhando maior autoridade pela influência que a religião católica tinha, mas mesmo assim muito de suas realizações foram mérito total dele.

Tendo em vista que o Brasil era um país esmagadoramente católico e que naquele período os missionários, padres e todas as representações cristãs que peregrinavam pelo mundo levavam consigo certa carga de respeito, além do mais Ibiapina possuía um poder de retórica muito bom, o próprio Nobrega Filho (1974) relata em seus escritos que ele conseguia fazer com que todos contribuíssem com as obras, de forma que o fato de não participar se mostrava constrangedor. Sua simplicidade e determinação acabava ganhando a empatia de seu público alvo: o pobre.

Outrossim, padre Ibiapina era extremamente produtivo por onde passava:

Depois dos seus 50 anos, o padre-mestre, numa época em que não havia estradas e nem meio de transportes, a não ser a pé ou em lombo de animais, percorreu o Sertão, Cariri, Seridó, Pajeú, Curimataú e Brejo, desde o Pernambuco até o Piauí, realizando ações concretas com a população e despertando no povo a confiança em sua própria capacidade de agir. Com seus mutirões conseguiu edificar 22 Casas de Caridade - centro de formação para abrigo de meninas pobres e órfãs, ampliados com atendimentos de doentes e desabrigados. Construiu: Hospitais, Cemitérios, igrejas e açudes... (LUCENA, 2017, p.11 - p. 13).

É importante ressaltar que antes mesmo de ingressar na vida eclesiástica frei Ibiapina já tinha passado por diversas experiências, tinha sofrido perdas familiares durante a Confederação do Equador, mais tarde tinha conseguido entrar na carreira política e até mesmo na advocacia, mas acabou escolhendo a vida beata e no primeiro surto de cólera que a Paraíba enfrenta Ibiapina mostra todo seu potencial e caridade:

Em 1855, com a eclosão da epidemia de cólera no interior, Padre Ibiapina renunciou aos cargos e disse que o seu lugar era no meio daquele povo abandonado, ingressando na vida missionária, da qual nunca mais saiu, recusando, inclusive, a mitra de bispo. (LUCENA, 2017, p.11 - p. 13)

Ibiapina sempre se promoveu como um desenvolvedor, pelas vilas, arruados e cidades por onde passava naquela Paraíba com moldes de colonial, ele promovia o desenvolvimento, quando via que existia a necessidade de alguma edificação reunia logo os moradores e com sua boa eloquência convencia os que não podiam doar alguma coisa a trabalhar e foi dessa forma que ele construiu tantas edificações e deixou seu nome gravado na história não só da Paraíba como do nordeste, foram 20 anos de vida missionária e para se ter uma noção do empenho de Ibiapina foram Casas de Caridade, açudes, igrejas, mercados, cemitérios e outras edificações que o padre erguia por onde passava.



Apesar de ter atuado em boa parte do nordeste a principal área de execução dele foi a Paraíba, inclusive quando Ibiapina resolve adentrar o que essa província se depara com uma realidade devastadora, eram tempos difíceis, o povo está indefeso e mercê do cólera, em meio ao surto desta doença são centenas de cadáveres espalhados pelas cidades, vilas, fazendas e arruados, pessoas que além das dificuldades que já eram praticamente inerentes em suas vidas, agora estavam enfrentando um inimigo a mais: o cólera morbus.

Como vimos, o dito padre tem seu período de ação justamente dentro desses surtos coléricos, mas não só dele, segundo Leal (1989) “em 1856 o padre Ibiapina inicia a sua obra missionária no interior da Paraíba, promovendo a construção de cemitérios e prestando assistência aos coléricos” (p. 172). Além disso são diversas bem feitorias pelo interior paraibano, inicialmente quando nos referimos a ele, associamos logo a cidade de Solânea-PB, onde está situado o seu santuário, entretanto a atuação do mesmo não se limitou a essa área dentro do atual estado da Paraíba.

Segundo NOBREGA FILHO (1974, p. 17), Ibiapina esteve em São Francisco durante o início da sexta década do século XIX, “iniciara aí os trabalhos de ereção de uma igreja, para os quais, recrutando todos os moradores das cercanias, inclusive João Tavares de Brito, que tinha a patente de Capitão...”.

Dessa forma o padre estava em ação justamente no período do cólera, o que é tratado pelo nosso autor como ereção de uma igreja, na verdade é a sua ampliação, tendo em vista que a dita igreja tinha sido erguida já a alguns anos na condição de capela<sup>9</sup>. A citação comprova também o poder de convencimento e disposição que Ibiapina tinha para agir, para fazer.

Ainda segundo o mesmo autor, mais adiante nos trabalhos da igreja houve um desentendimento entre o Capitão João Tavares de Brito e o Padre Ibiapina:

Assim queria o Capitão João Tavares, o qual já era tido como um ganancioso pelo povo da redondeza, a paralisação dos trabalhos para que os “operários” viessem levantar o sótão de sua casa, que se situa a dez braças da de Theodosio de Oliveira Ledo (NOBREGA FILHO, 1974, p. 18).

O resultado desse antagonismo foi a suspensão da referida obra, que só foi concluída décadas depois já no decorrer do século XX. Ibiapina, magoado que ficou, proferiu o que o autor retrata como detestação e despediu-se “agradecendo a receptividade da ordeira população” (1974, p.18).

Na oralidade do lugar em meio a essa “detestação” o padre Ibiapina amaldiçoou várias gerações do dito capitão, contudo o fato é que após esse episódio o pequeno povoado de São Francisco caiu em regresso, um dos principais centros urbanos da época foi perdendo aos poucos o seu prestígio e em detrimento a isso surge pelas mãos de Ibiapina um novo povoado que trazia consigo a principal construção da época: um cemitério.

Durante o surto colérico, várias vidas foram dizimadas, entre essas estava a de Ana de Farias ou Faria Castro, conhecida por Aninha foi atingida pela doença infecto-contagiosa e não demorou a padecer: “Aninha foi sepultada em cova rasa, sobre a qual logo se edificou acanhado nincho de alvenaria” (NOBREGA FILHO, 1974, p. 16), ainda é dito que a mesma faleceu no auge da juventude, entre os seus 18 e 20 anos.

A capela erguida sobre o tumulo de Aninha, era simples e pequena, mesmo assim no dia 25 de Dezembro de 1856, o padre Manoel Ubaldo da Costa Ramos, ligado a paróquia de São João do Cariri, onde essa região estava coligada, celebrou o que Nobrega Filho chamou de “primeira missa de Soledade”.

---

<sup>9</sup> Segundo Rodrigues (2020, p. 19) “A cidade de Olivedos possui quatro construções coloniais. Dessas, uma está em ruínas, que é a casa da comunidade do Currallinho (aproximadamente 2 km do centro urbano) e as outras três sofreram modificações. São elas: A igreja, o cemitério e a casa da área urbana”.

Entendendo este enredo é possível perceber o quão foi forte a ação do Padre Ibiapina neste lugar, que hoje compreende a cidade de Soledade<sup>10</sup>. Expulso de São Francisco, ele rumou para aquele lugar no qual já ouvira falar, o lugar que a época era conhecida por Malhada das Areias Brancas acolhe o padre e com a doação de terra recebida através de Carlos de Abreu Franca, ele convoca a população local para a construção de um cemitério.

No corrente ano o pe. Ibiapina na sua missão apostólica pelo interior da província benze um terreno e funda um cemitério para enterrar os coléricos, ao qual deu o nome de Soledade. Mais tarde levantou o mesmo sacerdote uma capela anexa, sob a invocação de Santa Ana, começando a construir-se no lugar algumas casas, povoando-se no correr dos anos. Esta localidade é hoje a vila de Soledade. (SEIXAS, 1985, p. 189-190)

O processo foi idêntico ao de São Francisco até certo ponto, pediu apoio da população local e foi atendido, quem não pudesse trabalhar, fazia doações, e assim se deu. Em 1860 o jornal O IMPARCIAL, noticiou a viagem do presidente Luiz Antônio da Silva Nunes pela província da Paraíba, anos depois Wilson Nóbrega Seixas, fez desse noticiário um livro, nele já é citado a construção pioneira de Ibiapina em Soledade:

A 2 léguas de distância da fazenda foi edificado um cemitério pequeno, todo amurado, no qual se veem dois túmulos simples, cujo exterior assemelha-se perfeitamente ao mármore; tendo sido feitos de cal e tijolos: nenhuma inscrição indica de quem são os restos mortais que jazem nesses túmulos. (SEIXAS, 1985, p. 97)

A fazenda referida é a Fazenda Espírito Santo, que fica encravada entre os municípios de Olivedos e Soledade, uma fazenda histórica e secular que é referenciada em várias obras e que na época da viagem do presidente da província ela estava em seu auge, tanto é que foi ponto de parada do mesmo.

Apesar de ter sido o cemitério a primeira obra de Ibiapina em Soledade em seguida sobre a cova de Aninha foi erguida uma capela, exatamente em honra a Santa Ana por causa daquela menina que no auge da juventude perdeu a vida para o cólera (Figura 2).

**Figura 2-** Altar da Igreja Matriz de Soledade-PB (2022)



**Fonte:** Acervo Pessoal

É embaixo deste altar que jazem os restos mortais de Aninha, a igreja foi construída exatamente em cima da sua primeira cova, simples e rasa, que foi, inicialmente o descanso

<sup>10</sup> Em uma análise peculiar do termo é possível perceber que o prefixo Sole ou “Soli” vem de solidão, e o complemento do nome Soledade, vem a significar Cidade da Solidão, exatamente por ter como elemento de formação inicial um cemitério.

daquela moça, naquele primeiro jazigo, foi celebrada a primeira missa de Soledade e dali surgiu o templo que recebeu todas as outras, desta igreja e do cemitério surge a vila e posteriormente cidade de Soledade.

Aninha não é a única cristã enterrada dentro da igreja de Soledade, pelo contrário, lá estão restos mortais de outras pessoas, os poderosos da época como era de costume ao menos até a recuperação da teoria do miasma da qual já tratamos, contudo os outros ocupam as laterais da igreja, o altar é exclusivo dela e acima de sua cova, reina Santana, padroeira do lugar.

## 5 DESCE FRANCISCO E SOBE SEBASTIÃO: O ANDOR DO CÓLERA EM OLIVEDOS

Horácio de Almeida relata a cerimônia de cortejo durante a peste colérica, segundo ele os mortos eram carregados em redes ou padiolas<sup>11</sup>, neste momento eram comuns covas únicas, valas comuns e esse foi o caso de São Francisco (Figura 2), citado por Nobrega Filho: “Houve casos de improvisação de cemitérios, como um que existia ao lado norte desta localidade, hoje cidade de Olivedos, onde foi sepultada, primeiramente, d. Maria José de Miranda” (1974, p. 15).

Permanecendo no relato do escritor e historiador Horácio de Almeida, eram comuns às suplicas dos tidos como “mortos”, que dentro das valas comuns despertavam, por não estarem “bem mortos”, mas pela pressa e necessidade de um rápido enterro eram levados para a cova comum ainda vivos, acordando em certa altura.

**Figura 3** – Cemitério de Bexiguentos de Olivedos (Antiga São Francisco), Paraíba (2022)



**Fonte:** Acervo Pessoal.

Em um lugar discreto o cemitério que serviu aos abatidos pelo cólera em Olivedos tem características de ser uma vala comum, onde os mortos eram jogados aos montes, originalmente não era dessa forma, o atual dono promoveu modificações, especialmente nas paredes, esse formato, semelhante a um “tanque” de pedra é atual, mas nos arredores é possível perceber como era a estrutura original.

Nobrega Filho (1974) referenciou que a cova única fica para o lado norte da cidade, a posição do tumulo traz uma sensação de proteção para o povoado, tendo em vista que estava a

<sup>11</sup> A padiola era uma cama de lona portátil em que se transportavam os mortos e em certos casos doentes e/ou feridos.

uma distância considerável (mais de 1 km), bem como em posição que o vento não levasse a doença.

Esses cemitérios surgem pela necessidade que o catolicismo expõe de ser enterrado em um lugar sagrado, bem como de receber o sacramento antes da morte, porém durante a peste essas práticas foram sendo modificadas, o cemitério passa a ser uma cova única para os que sucumbem da doença, mas o cortejo sumiu, afinal, quem acompanharia um morto de uma doença contagiosa? Os sacramentos para os enfermos se tornaram mais delicados, como a unção<sup>12</sup>, por exemplo, tanto essa consagração como o cortejo foram práticas que acabaram sendo ressignificadas.

Para Dôso (2019) o que fazia muitos enfermos aceitarem a Extrema Unção era que a sua recusa ocasionaria o seu enterro em solo que não fosse sagrado, castigo enorme para o morto e sua família, tudo isso contaria negativamente na hora do julgamento final. Dessa forma, percebemos o porquê dos católicos terem o cuidado de andarem várias léguas para enterrarem os seus mortos durante a peste colérica em nossa região, não fazer isso era ter o sofrimento em dobro para os familiares, além de ver o parente partir, ele ainda iria sem os sacramentos.

Essa mentalidade cristã, em especial católica esteve presente de forma rígida por muito tempo no Brasil, devemos atentar para o período de atuação do cólera, um momento em que o Brasil apesar de ser império, tinha no catolicismo a sua religião oficial e mesmo quando essa deixou de ser ela ainda foi e é a principal religião do país. Nesse sentido, percebemos que existe um apego na fé, nos dogmas e nas crenças quando se estar ou se tem algum enfermo.

Em São Francisco deu-se o mesmo, o próprio nome da fazenda que daria origem ao lugar tem sua base na fé católica, em São Francisco de Assis, conhecido por padroeiro da ecologia, ou no linguajar do interior: padroeiro das plantas e dos animais. Rodrigues (2020), trabalhando sobre a origem da fazenda aponta para a conquista das terras deste lugar por Teodósio de Oliveira Lêdo, ainda em fins do século XVII, aqui ele teria deixado como seu morador um padre, de nome Sebastião da Costa, este por sua vez, ao construir a casa grande teria doado, como era de comum costume na época, uma parte da terra para o santo e erguido uma capela em sua honra, este santo foi São Francisco e a capela compreende hoje a igreja matriz (Figura 3).

**Figura 4** – Igreja matriz de Olivedos, vista lateral (2022)



**Fonte:** acervo pessoal

<sup>12</sup> Esse é um sacramento de vida, pois, como todos os outros sacramentos, tem a finalidade de sarar, animar e perdoar os pecados.

A vista lateral da igreja de Olivedos é proposital, para compreender o porquê é necessário entender as fases que esse templo religioso passou. Inicialmente foi capela, em honra a São Francisco, homenagem posta pelos seus colonizadores que naquele momento eram ligados aos Oliveira Ledo.

A capela conseguiu suprir as necessidades da população cristã até o surto colérico, quando as quantidades de pessoas que moravam ou vinham ao povoado eram grandes, por conta principalmente do cemitério que o lugar possuía, por isso Ibiapina propôs a ampliação do lugar, por conta de motivos já elencados o projeto desse padre só foi concluído no século passado e as marcas do mesmo estão no telhado da igreja.

Observando a fotografia é possível perceber que existe uma elevação no telhado, a parte que compreende essa elevação é justamente a estrutura original da capela, a parte mais baixa é o que foi ampliado. Foi aí, nessa capela que a população de São Francisco se ajoelhou e fez diversas preces com receio da terrível doença que assolava o lugar.

Essas doenças que atuaram dentro da Paraíba oitocentista fizeram com que os devotos se apegassem a promessas variadas, Guimarães e Santos (2021) mostram alguns, entre eles o da cidade de Triunfo-PB, onde um morador usou de sua fé para em troca de ter seu lugar poupado da peste colérica levantar uma capela, assim fez e em torno da capela surgiu a cidade, inicialmente chamada de Picadas, anos depois rebatizada por Ibiapina. Em Santo André o sagrado que da nome a cidade deu lugar ao Sagrado Coração de Jesus como padroeiro, também em meio a promessas feitas durante a peste.

Mas um santo em especial ganhou notoriedade durante o período em que a cólera arrasou a nossa região, foi a ele que a maior parte dos lugares suplicou, em alguns ele ganhou construções em seu nome, como capelas, por exemplo, em outros ele se tornou copadroeiro, mas na maioria dos casos São Sebastião subiu ao altar e até hoje lá reside como padroeiro da cidade.

Natural de Narbonne, na França, nascido no ano de 255. Por ser um exímio militar, a sua crença cristã era ignorada até mesmo pelo imperador romano, ferrenho perseguidor dos mesmos na região. Quando Sebastião passa a pregar a palavra nos reinos conquistados por Roma isso muda e ele é condenado a morte à flechadas. Inclusive é essa representação que a figura do religioso traz, amarrado em uma árvore e com flechas pelo corpo.

Entretanto, não foi assim que Sebastião morreu, após a possível “execução”, ele foi resgatado por algumas mulheres que trataram dele. Curado, ele descumpriu o pedido de não voltar as pregações, preso novamente, desta vez foi condenado a morte por açoite e seu corpo jogado no esgoto de Roma.

Após algum tempo, Santa Luciana o encontrou e sepultou em catacumbas, séculos depois os restos mortais foram transferidos para uma basílica construída por Constantino, neste período a cidade de Roma era assolada por uma peste que desapareceu após a chegada de São Sebastião no lugar, por isso o mesmo na fé católica passou a ser venerado como o Santo contra a peste, fome e guerra.

São nesses episódios da vida de São Sebastião e no título que o mesmo recebe pós morte que caracteriza ele como um dos Santos mais memoráveis da Paraíba. Durante o segundo surto colérico, por volta de 1862, a população do povoado de São Francisco, se vendo desesperada também recorreu ao Martí Santo, prometendo que se a este cessasse a comunidade mudaria o padroeiro.

O sentimento religioso se afervorou em todas as camadas sociais, foram improvisados cultos religiosos em todos sítios, fazendas e povoações. As procissões com a imagem de São Sebastião tornaram-se frequentes pelos caminhos das estradas interioranas puxadas a cantos fervorosos. O flagelo tornava implacável e o supro da morte em tudo se impregnava (ARAUJO, 2016, p. 42).

Promessa feita e atendida é promessa cumprida, com o fim da peste São Francisco desceu da parte mais alta e deu lugar a São Sebastião, contudo até hoje o dia 04 de outubro é festejado

em Olivedos, como data do santo que esteve como padroeiro do lugar por mais de cento e cinquenta anos, contudo, as grandes festividades ficam para janeiro, no dia 20, quando até hoje honram a promessa feita.

Segundo Guimarães e Santos (2021) a paraíba hoje conta com 23 cidades onde o padroeiro é São Sebastião, além de outras cidades onde ele é copadroeiro e outras ainda em que ele é venerado, mesmo sem ter título.

O santo protetor foi quem sustentou a esperança de vencer a morte durante aquele período, eram comuns procissões e preces a Sebastião naquele momento. Uma consequência natural de uma população que sofria e não tinha outra base para se sustentar que não fosse a fé e mesmo assim.

Quase dois séculos depois um episódio chamou atenção dos devotos do Martí. Se durante o século XIX a população sofreu com a cólera, recentemente a maior de nossas epidemias foi a Covid-19, ceifando várias vidas, já mostramos ao longo do trabalho semelhanças entre aquele momento da cólera e esse atual, uma delas está justamente na relação do santo com a cura, no dia 19 de janeiro de 2021, véspera do dia dedicado a São Sebastião, foi aplicada na Paraíba, em uma enfermeira, a primeira vacina contra a Covid-19, justamente aqui, onde a muito tempo ele cuida deste povo.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A humanidade enfrentou nos últimos anos uma de suas maiores pandemias que foi o Coronavírus, com um saldo extremamente negativo, ela mostrou a nossa vulnerabilidade frente aos microrganismos, mesmo tendo uma ciência tão avançada como a do século XXI, não tivemos condições -ao menos no primeiro ano- de buscar uma solução definitiva.

Analisando outra pandemia, desta vez o cólera, no meado do século XIX e tendo como área de análise os atuais municípios de Olivedos e Soledade é possível perceber o comportamento dos sujeitos frente a doença, em uma época que não oferecia tantos recursos como a nossa sociedade tem.

Nesse momento a população desse sertão castigado, não só pela seca, mas pelo abandono do poder público teve que recorrer a sua fé e religiosidade como meio de enfrentar a doença, a mudança de padroeiro e a representatividade moral de Ibiapina mostram isso.

Os argumentos foram postos também no sentido de demonstrar a estagnação sofrida pelo povoado de São Francisco, tanto pelo efeito da cólera como pela expulsão do Padre Ibiapina e ainda salientando que foi por conta deste episódio que o campo santo, pioneira construção e marco de partida da cidade de Soledade, surgiu.

E mais uma vez fazendo um paralelo com a covid-19, o cólera deixou marcas naquela sociedade oitocentista, de modo que vários hábitos que tiveram na doença o seu estopim seguem vivos até hoje tanto na prática como na fé dos olivedenses, dessa forma percebemos que é assim que a sociedade vai se reinventando frente as adversidades.

Diante daquela realidade faço uma ressalva ao Padre José Antônio de Maria Ibiapina, que em meio a uma das maiores, se não a maior, enfermidade que a paraíba já enfrentou, ele teve a sensatez e coragem de ir para o meio daquele povo sofrido e que clamava por ajuda, salientando ainda a força que o catolicismo possuía na época.

Por fim, registro a importância de ressaltar a ligação que existe entre os municípios de Olivedos e Soledade, se um possui hoje um maior potencial de desenvolvimento o outro traz consigo um maior tempo de existência e os relatos e deduções que foram expostos ao longo do trabalho, mostram o quanto isso é concreto, de certo não há nada melhor que debulhar e investigar o passado de nosso lugar, construir uma história que nunca foi posta, pois, antes de buscar entender o macro, devemos compreender o nosso lugar.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Silveira Vieira de. **Entre o poder e a ciência: história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930)**. Recife, 2016. Tese (doutorado) -. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Pernambuco.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias para uso das famílias**. 6. ed. Paris, A. Roger & F.Chernoviz, 1890.
- GARCIA, Maria T. **Do coronelismo de enxada ao coronelismo das câmeras e microfones: a influência do voto nas mãos dos latifundiários e empresários**. Disponível em: <http://mercadoideias.com.br/mercado/artigos/coronelismo.pdf>. Acesso em: 19 de fev. 2008.
- GUIMARÃES, Beatriz Freire. SANTOS, Juvandir de Souza. **RELAÇÃO DO CÓLERA COM A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CIDADE DE POCINHOS**. *Revista Tarairiú*, Campina Grande - PB, Ano VIII– Vol.1 - Número 16 – 2020, pp. 18-27.
- GUIMARÃES, Beatriz Freire. SANTOS, Juvandir de Souza. **A morte desprezível: história e arqueologia dos cemitérios de bexiguentos da Paraíba**. Queimadas-PB: Gráfica Cópias e Papéis, 2021.
- JUNIOR, Laércio de Araújo S. MARIANO, Serioja R. C. **REORGANIZAÇÃO DO LUGAR DA MORTE: Os cemitérios como morado dos mortos na Parahyba (1850-1860)**. In: BARBOSA, Janyne Paula Pereira L. MARIANO, Serioja R. C. **Sociedade e cultura no Brasil Oitocentista: Trajetória de pesquisa II**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019, pp. 77-102.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.
- LUCENA, Damião. **Trilogia Missionária: Padre Ibiapina, Padre Cícero, Frei Damião**. ed. 1. João Pessoa, Mais Gráfica, 2017.
- LEAL, José. **Itinerário Histórico da Paraíba**. 2. ed. João Pessoa: FUNCEP, 1989.
- MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. **Por uma educação escolar híbrida: O compêndio história de Simão de Nantua ou o Mercador de Feiras** In: BARBOSA, Janyne Paula Pereira L. MARIANO, Serioja R. C. **Sociedade e cultura no Brasil oitocentista: Trajetória de pesquisa II**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019, pp. 227-248.
- NOBREGA FILHO, Inocência. **Malhada das Areias Brancas**. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1970.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.
- RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos o Local e o Geral**. 2. ed. Campina Grande: RG Editora, 2013.
- RODRIGUES, Donizete Emanuel de Couto. **A Fazenda São Francisco e a formação de Olivados-PB: do Genocídio as Primeiras Casas**. Campina Grande. Artigo (Graduação). 2020. Universidade Estadual da Paraíba.
- SANTOS, Luiz Antônio de Castro. **Um século de cólera: itinerário do medo**. *Physis [online]*. 1994, vol.4, n.1, pp.79-110.
- SEIXAS, Wilson Nóbrega. **Viagem Através da Província da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 1985.
- STREIT, Isléia Rossler. **O Coronelismo e a Imigração**. Passo Fundo: EDIUPF, 2003.

